



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM – MS
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JANAINA SOTOLANI SUARES

**ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO
MIGUEL NO MUNICÍPIO DE MARACAJU/MS**

JARDIM/MS - 2019



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM – MS
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

JANAINA SOTOLANI SUARES

**ESTUDO DE CASO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO
MIGUEL NO MUNICÍPIO DE MARACAJU/MS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado à coordenação do Curso de
Geografia da Universidade Estadual de Mato
Grosso do Sul, como requisito para obtenção
do grau de licenciatura em Geografia, sob a
orientação da Profa. Dra. Ana Maria Soares de
Oliveira.

JARDIM/MS - 2019

FICHA CATALOGRÁFICA

SUARES, Janaina Sotolani.

Estudo de caso na comunidade quilombola São Miguel no município de Maracaju-MS/Janaina Sotolani Soares. Jardim: UEMS, 2019.

Bibliografia

Trabalho de Conclusão de Curso – Curso de Licenciatura em Geografia – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1.Comunidade quilombola . 2. Identidade 3. Território

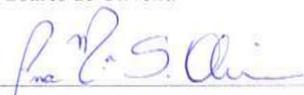
TERMO DE APROVAÇÃO

Janaina Sotolani Suares

Estudo de Caso na Comunidade Quilombola São Miguel no Município de Maracaju-MS

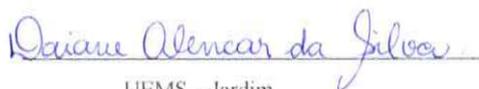
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, pela seguinte Banca Examinadora:

Orientador (a): Prof.^a Dra. Ana Maria Soares de Oliveira



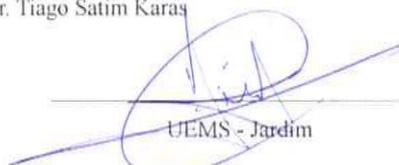
UEMS – Jardim

Examinador 1: Prof.^a Dra. Daiane Alencar da Silva



UEMS – Jardim

Examinador 2: Prof.^o Dr. Tiago Satim Karas



UEMS - Jardim

Jardim, 22 de Novembro de 2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho...

A Deus por me conferir a capacidade e a inteligência para fazer do conhecimento um ato de sabedoria,

À minha família que me incentivaram e acompanharam nesta caminhada,

Aos meus amigos que de muitas maneiras contribuíram para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus da vida, pela força que me tem sustentado e pela esperança sempre viva que manteve em mim;

Aos meus amigos e minha família, em especial minha irmã Fernanda pela vibração positiva, pelo incentivo e pela celebração frente a cada etapa vencida;

Aos meus professores, que foram mestres, amigos, motivadores e incentivadores desse processo de construção pessoal e profissional em minha vida;

À minha orientadora que teve paciência, compreensão e sabedoria para orientar a construção do Trabalho de Conclusão de Curso;

Enfim, a todos que colaboraram direta ou indiretamente pela finalização desse trabalho.

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E TABELAS

Figura 1. Localização da Comunidade Quilombola São Miguel.....	19
Figura 2. Localização da Comunidade Quilombola São Miguel no município de Maracaju.....	19
Figura 3. Foto ilustrativa das moradias.....	25
Figura 4. Produção de mel e casa do mel.....	25
Figura 5. Produção artesanal de farinha de mandioca.....	28
Figura 6. Família da comunidade São Miguel extraíndo o mel.....	33
Figura 7. Fachada das casas populares da comunidade.....	38
Figura 8. Vista do solo preparado para plantar verduras e hortaliças, como também caixa d'água que serve para irrigar as plantas.....	38
Gráfico 1- Renda familiar dos entrevistados.....	32
Tabela 1. Dados de produção familiar dos entrevistados.....	31

RESUMO

A presente pesquisa tem o intuito de abordar a história dos povos afrodescendentes que compõem a Comunidade Quilombola São Miguel, localizado na Zona Rural no município de Maracaju/MS, no estado de Mato Grosso do Sul. A abordagem discutida no trabalho centraliza-se em uma reflexão sobre a comunidade, perpassando pelos aspectos de identidade e memória, onde por meio de estudos e entrevistas, serão retratadas as questões étnicas, culturais, territoriais e socioeconômicas. Nesse sentido, a pesquisa destacará a importância da identidade étnica como um instrumento de luta na manutenção da territorialidade, considerando aspectos centrais da resistência histórica e cultural dos povos afrodescendentes no contexto atual do país. Discutir-se-á como a sua organização social é fator preponderante para a afirmação étnica, levando em conta sua forma de compreender a vida em suas lutas e no jeito de reinventar e recriar a cultura primordial dos povos remanescentes da cultura africana. Assim, a referida pesquisa tem como objetivo apresentar a trajetória da comunidade quilombola São Miguel no município de Maracaju/MS, analisando o processo de reconhecimento do território que ocupam, assim como o cotidiano e as relações de produção e de trabalho desenvolvidas na Comunidade.

Palavras-chave: Comunidade Quilombola; Identidade; Memória; Território.

ABSTRACT

This research aims to address the history of people of African descent that make up the Quilombola Community of São Miguel da Serra, located in the rural area in Maracaju/MS, Mato Grosso do Sul State. The approach discussed in this paper focuses on a reflection on the reality of this community, going through the aspects of identity and memory, where through studies and interviews, its ethnic, cultural and territorial conjuncture will be portrayed. In this sense, the research will highlight the importance of ethnic identity as an instrument of struggle in the maintenance of its territoriality, considering central aspects of the historical and cultural resistance of people of African descent in the current context of the country. It will be discussed how their social organization is a major factor in their ethnic affirmation, taking into account their understanding of life in their struggles and their way of reinventing and recreating the primordial culture of the remnant peoples of African culture. Thus, this research aims to present the trajectory of the São Miguel quilombola community in the city of Maracaju / MS, analyzing the process of recognition of its territory, as well as daily life and the relations of production and work developed in the community.

Keywords: Quilombola Community. Identity. Memory. Territory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: Os Pressupostos teóricos para a compreensão do objeto de estudo.....	13
1.1 Uma breve reflexão acerca do conceito de quilombo.....	13
1.2 Discutindo os conceitos de Identidade e Território.....	15
CAPÍTULO II: Caracterização do objeto de estudo.....	17
2.1. Entendo a trajetória histórica da comunidade quilombola São Miguel	17
2.1.1 Localização da Comunidade quilombola São Miguel.....	19
2.2. Aspectos culturais da comunidade quilombola São Miguel.....	21
2.3 Lutas e Resistências da Comunidade quilombola São Miguel.....	22
2.4 Condições infraestruturais da Comunidade quilombola São Miguel.....	23
2.5 Condições socioeconômicas da Comunidade quilombola São Miguel.....	24
CAPÍTULO III: Os pressupostos metodológicos da pesquisa: um olhar sobre a forma de ser e viver da Comunidade Quilombola São Miguel.....	27
3.1 Condições de vida e produção dos moradores da comunidade.....	27
3.2 Projetos e políticas públicas na comunidade São Miguel.....	29
3.3 Análise sobre a renda familiar.....	30
3.4 Organização política e resistência.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXOS.....	36

INTRODUÇÃO

A história nos revela que a escravidão negra perdurou no território brasileiro por mais de três séculos. Neste período os quilombos se constituíram em territórios étnicos de resistência, como alternativa de organização social, político e espacial às diversas formas de exploração do trabalho, às condições desumanas e degradantes as quais os escravos negros eram submetidos.

De acordo com Lira e Neto (2016, p.7) “Os territórios das comunidades negras têm origem nos quilombos ou mocambos, formados, sobretudo, pelos escravos que se rebelava contra a escravidão”. Os autores também destacam que algumas comunidades se constituíram em decorrência de:

[...] doações de terras realizadas a partir da desagregação da lavoura de monoculturas, como a cana-de-açúcar e o algodão; da compra de terras pelos próprios “escravos”, possibilitados pela desestruturação do sistema escravista; bem como de terras que foram conquistadas pelos negros pela prestação de serviço de guerra, lutando contra insurreições ao lado de tropas oficiais (LIRA e NETO, 2016, p. 7).

Pensar os quilombos na perspectiva da resistência é retratar um processo histórico que revela as condições e a situação dos negros vindos da África, saindo do seio de suas famílias à força e, tendo que reaprender a viver em terras distantes e desconhecidas.

Esse processo não conclui em ciclos da vida de um negro escravo, mas sim, se reformula em outras vivências, marcadas por um lugar de dissolução da violência escravocrata, para onde os escravos fugiam em busca de proteção e segurança, bem como igualdade de condições e liberdade de acesso a terra. Assim, nasciam os quilombos, como retrata o autor ao dizer: “O conceito de comunidade quilombola, portanto, tem origem no campesinato negro, povos de matriz africana que conseguiram ocupar uma terra e obter autonomia política e econômica”. (ANJOS, 2006: p. 53 apud LIRA e NETO, 2016, p. 9).

Na atualidade, embora se mantenha a ideia de resistência do território étnico, que possibilita a organização e a reprodução de uma forma particular de viver em um espaço repleto de condições adversas.

A comunidade quilombola São Miguel teve seu início na segunda década do século XX, sendo formada por descendentes de escravos, onde vivem cerca de 52 famílias, constituindo assim um contingente populacional de aproximadamente 300 pessoas, que vivem numa área desapropriada e destinada à comunidade, medindo 400 hectares, com o valor de R\$ 1.896.863,60.

Esta área de 400 hectares de terras é destinada ao atendimento das necessidades das famílias que residem na comunidade e que são remanescentes de escravos vivendo única e exclusivamente da agricultura familiar, como relata a Fundação Nacional da Saúde – FUNASA (2009). Apesar dessa terra ter sido regularizada em 1941, só conseguiram receber o título definitivo da propriedade em 2005. De acordo com o Jornal Maracaju Hoje (2017), o Quilombo São Miguel foi à primeira comunidade negra quilombola de Mato Grosso do Sul a receber em definitivo o título de propriedade da terra onde vive.

De acordo com informações publicadas no Jornal on-line Campo Grande News O processo de regularização fundiária da comunidade São Miguel foi concretizado a partir do Decreto Presidencial, de 20 de novembro de 2009, o qual declarou o território quilombola como área de interesse social, portanto passível de desapropriação. Isso significa que toda terra passível de interesse social e coletivo é pode ser desapropriada. Ressalta-se que essa informação foi constatada durante a coleta de dados de campo, por meio da entrevista realizada com os moradores da comunidade São Miguel.

Cabe salientar que quando ainda estava no ensino médio participei de uma visita escolar à comunidade, despertando meu interesse sobre o tema. Então, foi partindo desse princípio que optou-se por estudar a trajetória da comunidade quilombola São Miguel e fazer um resgate analisando a realidade da comunidade hoje, bem como se suas atividades produtivas, como o plantio de alimentos garantem o sustento das famílias.

A Geografia nos possibilita ter este olhar sobre os diversos aspectos da sociedade, a buscar a compreensão da realidade social, econômica e cultural vivenciada por diferentes grupos e, de modo particular da comunidade em questão. Proporciona-nos a sensibilidade de pesquisar e de nos debruçar sobre as condições de vida em que muitas dessas comunidades vivem. Sofrimento muitas vezes traduzido em carência de

assistência por parte dos órgãos públicos, principalmente na área da saúde e de apoio na fomentação da economia local, falta de saneamento básico, desemprego, desestruturação familiar. Ao entrar em contato direto com a comunidade quilombola São Miguel, presenciamos uma carência de recursos e de perspectiva de vida e de futuro, especialmente no que tange à condição de pobreza, de desemprego e de abandono social.

Pensar sobre a questão do território físico, como uma possibilidade de sustento e sobrevivência, através da agricultura familiar, que é a atividade econômica desenvolvida pelos membros da comunidade quilombola São Miguel, é pensar a efetivação de políticas públicas que os amparam, principalmente no que diz respeito à saúde e educação; discutindo as formas de luta e resistência dessa comunidade para manter seus costumes e tradições.

Esse estudo tem como subsídio teórico fontes bibliográficas impressas e virtuais, como também a coleta de dados por meio de entrevistas com a comunidade, além das narrativas dos moradores, realizadas ao longo do período da pesquisa. O que possibilitou a estruturação deste trabalho em três capítulos, conforme descritos a seguir:

O primeiro capítulo discorrerá sobre a fundamentação teórica acerca de conceitos fundamentais para a compreensão do objeto de pesquisa, tais como identidade, território e quilombo.

O segundo capítulo abordará os pressupostos metodológicos, enfatizando a história oral, a caracterização geral e os aspectos culturais, étnicos e de territorialidade da comunidade São Miguel.

O terceiro capítulo enfocará a análise e o resultado da pesquisa em campo no que se refere aos aspectos da organização coletiva e dos espaços de reprodução da vida (produção e trabalho) e da cultura. As conclusões apontam a compreensão da autora e suas percepções sobre o tema.

CAPÍTULO I – OS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS PARA A COMPREENSÃO DO OBJETO DE ESTUDO

1.1 Uma breve reflexão acerca do conceito de quilombo

Muitas são as comunidades quilombolas no Brasil que lutam pela permanência em seus territórios ancestrais e por conta disso, entram em choque com os mais diversos interesses, sejam eles do poder público ou privado.

Neste sentido é que este trabalho vai abordar a realidade de uma comunidade no Mato Grosso do Sul, que na sua fragilidade, luta constantemente para manter-se viva e viver sua cultura.

Munanga (2006) diz que quilombo significa associação aberta a todos, sem distinção de filiação, credo, onde os membros se submetiam a dramáticos rituais que os inseriam nessa comunidade, assumindo suas particularidades e características próprias. De acordo com este autor, o quilombo amadurecido é uma instituição transcultural que recebeu contribuições de diversas culturas.

Nascimento (1980) fala que para muitos quilombos, as comunidades não eram apenas um lugar de fuga, mas um momento de progresso humano e sócio-político, e sua consumação é o resultado de uma vivência constante do esforço de resgatar sua liberdade e dignidade.

Desse modo, o autor permite compreender que a questão quilombola não se resumia apenas em uma fuga do trabalho desumano e das condições precárias de vida dos negros, mas em uma reconstrução da própria vida, dos valores, dos costumes, das crenças e da identidade como pessoa e grupo, onde se recria a vida a partir da adaptação em novas territorialidades e novas situações, como retrata o texto a seguir.

A luta comum dos povos negros e africanos requer o conhecimento mútuo e uma compreensão recíproca que nos têm sido negados, além de outros motivos, pelas diferentes línguas que o opressor branco-europeu impôs sobre nós, através do monopólio dos meios de comunicação, do seu controle exclusivo dos recursos econômicos, das instituições educativas e culturais (NASCIMENTO, 1980, p.8).

De acordo com o pensamento de Santos (2001), desde o início da colonização e da escravidão brasileira até em tempos atuais a história tem nos revelado que a realidade de sofrimento, de discriminação, de abandono dos direitos e da falta de identidade do negro no Brasil não mudou muita coisa, este carrega ainda hoje o fardo do preconceito, da discriminação, da atribuição da marginalidade e da falta de oportunidade na mudança social e econômica. Tem-se conquistado alguns avanços sim, como a própria abolição, a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto Racial de 2009, no entanto o que precisa ainda é uma mudança de mentalidade da sociedade, pois a abolição da escravatura não significou na prática um avanço para os negros do Brasil, pois ficaram desprovidos de terra e de condições dignas de existência, além de excluídos e marginalizados da sociedade que ainda os veem socialmente como escravos.

Foi a partir da Constituição Brasileira de 1988, que o Quilombo adquiriu uma significação mais atualizada, ao ser inserido no Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), para conferir direitos territoriais dessas comunidades remanescentes (FUNASA, 2009).

O direito territorial dessas comunidades remanescentes está garantido em Lei, no entanto, verifica-se que há muitas lutas para conquistar o território e lutas ainda mais ferrenha para legalizar e reconhecer esses territórios.

Atualmente, entende-se que território é um espaço físico onde tem seus limites fronteiriços, no entanto, a partir do pensamento de Leroy (2010) o contexto de territorialidade das comunidades quilombolas possui um significado mais amplo e relevante, pois trata da vida desses povos em um espaço que está além da terra em si, mas que traduz em linguagens simbólicas que retratam a cultura, a tradição e o sentido de pertença com o país, do qual ajudaram a construir e fazem parte.

Pensando a questão particular das comunidades quilombolas, Nascimento (1980, p.9) diz que essas comunidades até então constituíam um mundo de povos separados com suas culturas e tradições.

De fato, o autor retrata a realidade de muitas comunidades quilombolas que até hoje vivem essa segregação no país, no entanto, se percebe que já conquistaram alguns

direitos e benefícios, através de políticas públicas que são direcionadas para atender especificamente a demanda desses povos.

Percebe-se também que essas comunidades ainda vivem uma experiência de discriminação, preconceito e inferioridade, e isso é retratado nas precariedades que vivem muitos negros e afrodescendentes no Brasil, como é o caso das favelas nas grandes cidades, ou mesmo de muitas comunidades que vivem isolados nos interiores do país, especialmente na região nordeste.

Lira e Neto (2016, p.9) destacam que o quilombo como “terra sagrada e comunitária”, como “território dos negros”, hoje possui outro significado. De luta para mantê-lo como faziam seus antepassados.

Na atualidade as comunidades quilombolas possuem uma formação diversificada no âmbito territorial, com diferentes usos e propriedades com caráter privado e comum. Possuem uma formação populacional também diversificada “com diferentes combinações étnicas, de parentesco e sucessão, por fatores históricos, por elementos de identidade peculiar e por critérios político-organizativos e econômicos, relevantes práticas e representações próprias”. (LIRA e NETO, 2016, p.9)

1.2 Discutindo os conceitos de Identidade e Território.

Para compreender a vida e o significado das comunidades remanescentes de quilombo é necessário entender os conceitos que estão ligados diretamente a essa realidade.

De uma forma geral é possível compreender que a identidade está ligada a aspectos que estão relacionados à dimensão étnica, racial, linguísticas, religiosa, regional.

Santos e Silveira (2006) define território, dizendo:

Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra territorialidade como sinônimo de pertença àquilo que nos pertence... ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que entre os seres vivos, é privilégio dos humanos (p.19)

É possível compreender que o sentido do território vai além dos limites físicos, alcançando a dimensão cultural e existencial de povos que buscam sua identidade e compreensão de mundo e de si, através de sua existência e tradição.

Completando essa ideia, Santos e Silveira (2006, p.19) falam que território pode ser compreendido como formas diferentes que contém a matéria da mesma essência. Neste sentido os autores veem o território como algo que emancipa, que dignifica e que constrói a própria identidade das comunidades quilombolas.

É nesse contexto de relação que o negro reafirma sua identidade e sua dignidade como cidadão.

De acordo com Sack (2011) o significado de territorialidade tem duas definições, uma na área humana que passa pela ideia de uma estratégia humana, pois consiste no controle de tudo que está sob a área delimitada e outra política que mostra seus diferentes níveis dentro da sociedade, como apresenta o texto a seguir.

Territorialidade para humanos é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através do controle da terra. Territórios políticos e propriedades privadas de terra podem ser as formas mais familiares em que a territorialidade ocorre em vários níveis e em numerosos contextos sociais (SACK, 2011, p.63).

Nesse sentido, o autor menciona que a territorialidade é utilizada no cenário cotidiano das pessoas, perpassando pelas organizações mais complexas, como é o caso da organização política, social e econômica em uma comunidade, como é o caso da comunidade quilombola São Miguel.

Sack (2011) destaca ainda que o território é um espaço onde ocorre diferentes tipos de controle, como o social, o econômico e o cultural, no entanto, é nesse espaço que acontece também as vivências e experiências pessoais e coletivas que reafirma nas pessoas a sua identidade, como indivíduo e como comunidade.

Para Lira e Neto (2016, p. 12) o território se constitui um elemento crucial no processo de construção da identidade étnica, considerado o ponto mais importante da estrutura social. Onde a permanência na terra não se faz regulada por categorias formais de propriedade, mas por determinação do próprio grupo, com regras que orientam todos

os planos da vida social. Incluindo nas formas de acesso a terra, as dimensões simbólicas e as relações sociais, de modo que a relação do grupo com a terra representa em sua complexidade a existência da terra como território.

Nas palavras de Lira e Neto (2016, p.12) “A construção do território produz uma identidade e a identidade produz o território, este processo é produto de ações coletivas, recíprocas, de sujeitos sociais”. Significa dizer que identidade quilombola, território e identidade são conceitos intimamente imbricados, os quais devemos levá-los em consideração para a compreensão do nosso objeto de estudo.

A partir dessas conceituações teóricas sobre os termos de comunidade quilombola, identidade e território é possível entender a relação existentes entre eles e sua relevância no entendimento teórico e histórico da comunidade analisada.

É por meio desses elementos que se faz possível discorrer sobre a vida da comunidade quilombola São Miguel, entendendo sua história, vivência e resistência frente a diversos desafios do mundo atual.

A seguir abordar-se-á os pressupostos metodológicos da pesquisa, bem como aspectos que caracterizam a forma de ser e de viver da comunidade quilombola São Miguel, tais como organização coletiva, os espaços de produção, de trabalho e de reprodução da vida, da cultura e de resistência.

CAPÍTULO II – CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

2.1 Entendendo a trajetória histórica da Comunidade São Miguel

Como relata Coelho (2014) à história dos quilombos é um pouco a história de todos nós que nascemos da miscigenação de etnias, compondo uma nova cultura. É nessa perspectiva que se discorre sobre a comunidade quilombola São Miguel, retratando sua forma de ser e viver.

Coelho (2014) relaciona a formação das comunidades quilombolas com diversos fatores que permitiram o deslocamento para o sul do então estado de Mato Grosso, e a ocupação de território na busca de riquezas e melhores condições de vida, como retrata abaixo.

Entendemos que o marco histórico das comunidades quilombolas se dá em um processo de organização política, econômica e social no estado de Mato Grosso do Sul e essa concepção se torna fundamental para compreender a existência da comunidade quilombola São Miguel.

Segundo Coelho

[...] a história da ocupação territorial sul-mato-grossense está atrelada a busca por metais preciosos (havia trilhas que ligavam essa região as minas de prata no Peru e, posteriormente, caminho para o ouro de Cuiabá); rota de aprisionamento de mão de obra (indígena e de negros fugitivos); criação de gado (para prover os núcleos mineradores, atividade que se consolida na região pelas características ambientais propícias); abastecimento alimentar (principalmente para as minas de ouro descobertas no norte do território); e, presença militar (em virtude da posição estratégica de fronteira que a região ocupa). (2014, p. 15)

Assim, conforme destaca o autor, a presença do trabalho negro foi crucial em cada uma dessas características fundantes do processo de constituição de Mato Grosso do Sul. Como se pode observar, os motivos que trazem os negros para o estado de Mato Grosso do Sul foram permeados de interesses e objetivos concretamente vinculados à aquisição de riquezas, tendo o indígena e o negro como mão de obra explorada.

A história da comunidade Quilombola São Miguel tem sua origem marcada pela resistência frente às durezas da escravidão, na busca por uma vida mais digna seus

patriarcas, encabeçavam ações que serviam para fugir do confronto estabelecidos por lideranças que disputavam terras e meios econômicos, como retrata Coelho (2014).

Durante o confronto, muitas pessoas fugiram das regiões que foram diretamente atingidas pelo conflito, sendo Nioaque e Maracaju algumas delas, e se refugiaram em Sant' Ana do Paranayba e Cuiabá. Ao fim do conflito, muitos soldados permaneceram em terras de Mato Grosso o que fez com que as populações que haviam se deslocado para escapar do conflito da Guerra da Paraguai (COELHO, 2014, p. 26).

Por meio desse trecho verifica-se que as cidades de Nioaque e Maracaju se tornam palco de confrontos e lutas, no entanto, posteriormente, tornam-se espaço de reconstrução de vida, de cultura e de tradição dos afrodescendentes.

Coelho (2014) faz um recorte histórico da chegada e atuação dos portugueses no Mato Grosso do Sul e suas diversas investidas em meios econômicos, até consolidar um perfil de economia que atendessem aos seus objetivos, uma vez que, ouro não foi encontrado aqui, tornando necessário buscar novas fontes de riquezas. Nesse contexto, o trabalho braçal do negro teve grande relevância.

Como salienta Coelho (2014) surgem novos povoados no Estado, sendo identificados como de origem militar.

Dessa forma, é pertinente destacar alguns importantes povoados do atual Mato Grosso do Sul que tem origem militar: Presídio Nossa Senhora dos Prazeres do Iguatemi (1767); Albuquerque, atual Corumbá (1778); Forte de Coimbra (1775); o presídio Militar de Miranda (1778), origem da atual cidade de Miranda; Nioaque, principalmente em virtude da invasão militar que ali ocorrera durante a Guerra do Paraguai (1865-67); Núcleo Militar com o nome de Taquari, atual Coxim (1898), Maracaju e Dourados, inicialmente simples destacamento militar, hoje uma das cidades mais importantes economicamente para o estado (COELHO, 2014, p. 20).

Entre esses povoados encontra-se Nioaque e Maracaju, municípios relacionados ao presente estudo. Nioaque é considerada o berço da comunidade quilombola em Mato Grosso do Sul, pois é do seio de duas famílias negras, Araújo e Ribeiro que surgem os primeiros membros da Comunidade São Miguel; e Maracaju é quem acolhe essa comunidade, a qual se encontra territorializada na Serra de Maracaju.

2.1.1 Localização da Comunidade São Miguel

A Comunidade quilombola São Miguel fica distante 89 quilômetros de Maracaju/MS e 29 quilômetros de Nioaque/MS (Figuras 1 e 2)

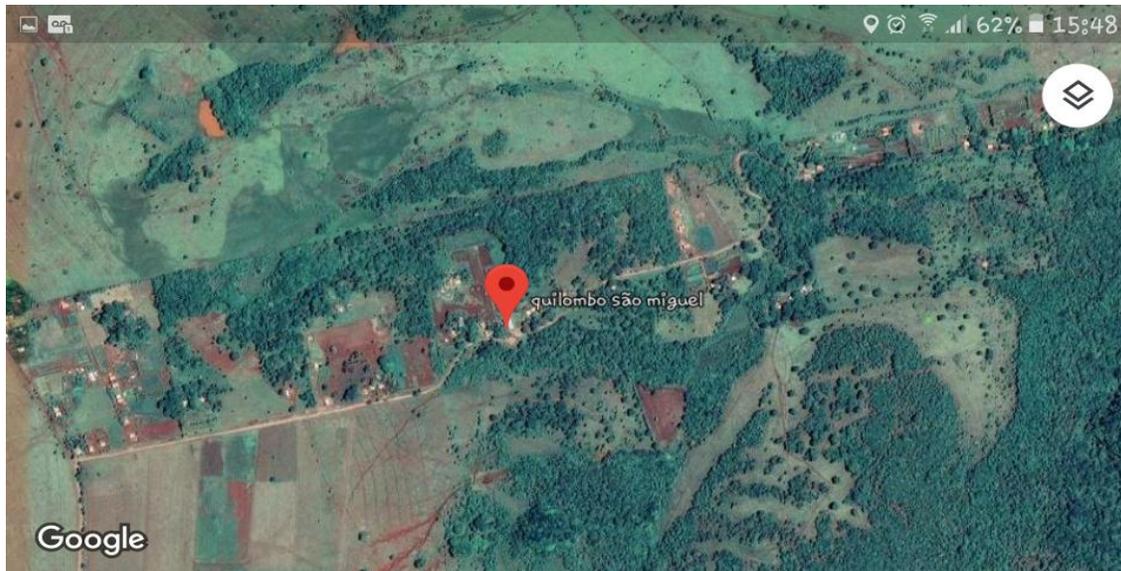


Figura 1. Localização da Comunidade Quilombola São Miguel.

Fonte: googlemapas.com.br

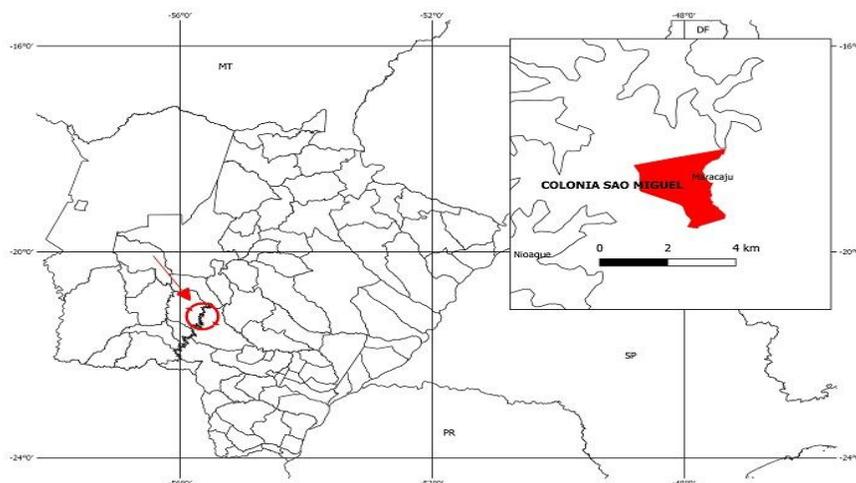


Figura 2. Localização da Comunidade Quilombola São Miguel no município de Maracaju.

Fonte: mpf.mp.br

A comunidade tem sua origem ancorada em “Dona Joaquina Gonçalves de Souza”, a mesma era filha dos ex-escravos João Pedro da Cruz e Francisca de Souza, de origem mineira, que migraram para Maracaju.

Dona Joaquina ainda é uma referência para seus descendentes, no que se refere às normas que orientam o sentido de pertencimento e identidade ao território, como destaca Coelho (2014, p. 28) “Dona Joaquina é a figura acionada como referência pelos seus descendentes no que tange as normas que orientam a pertença à comunidade e aos direitos de uso da terra”.

Com a morte do patriarca do grupo, João Pedro da Cruz, Dona Francisca doou seus filhos para as pessoas com mais posses e, “Dona Joaquina, que possuía apenas 3 anos na época, foi entregue a um fazendeiro, Iliziário Barbosa, e sua esposa, Benvinda, para ser criada” (COELHO, 2014, p. 28).

Verificamos, com base em leituras (especialmente de Coelho) e durante a pesquisa de campo, que as relações da comunidade São Miguel são estabelecidas com ambos os municípios, especialmente em termos de trabalho e serviços como saúde e educação. Todavia, estas relações se efetivam muito mais no âmbito do município de Nioaque, em termos de empregos, educação e saúde.

Estas relações também se estreitam do ponto de vista dos laços de solidariedade e de parentesco existente entre os descendentes de Dona Joaquina que vivem em Nioaque. Como destaca Coelho

São importantes também as relações de parentesco e de solidariedades que se estabeleceram entre os descendentes de Dona Joaquina e a família Araújo e Ribeiro (em Nioaque) através das relações de compadrio e amizade, ainda que hoje as famílias se encontrem com menos frequência do que quando residiam na serra (p. 29).

Na atualidade as relações estabelecidas entre os dois grupos familiares, Araújo e Ribeiro ocorrem mais na perspectiva política, ou seja, dos processos de identificação e delimitação de áreas de outras comunidades quilombolas.

O parentesco existente entre as famílias Gonçalves e Ribeiro contribuiu, de maneira decisiva, para que as discussões a respeito da identidade quilombola fossem aceitas pela família Araújo e Ribeiro, pois a Comunidade São Miguel já estava envolvida nas discussões sobre a temática desde o ano de 2005. (COELHO, 2014, p. 31)

A partir do fragmento acima se entende que a matriarca da comunidade quilombola São Miguel, dona Joaquina, também fazia parte da família Gonçalves. Ambas as famílias, Ribeiro e Gonçalves, possuem parentesco sanguíneo. Significa dizer que embora a comunidade Quilombola São Miguel esteja situada no município de Maracaju, a família tem laços de parentesco com a família Ribeiro que atualmente reside no bairro Monte Alto, no município de Nioaque.

2.2 Aspectos culturais da comunidade quilombola São Miguel

Em relação às questões culturais sobre dança, crença e vivências artísticas, não foi encontrado documento científico que aborda essa questão, no entanto Coelho (2014) relata que a comunidade vivencia aspectos de crenças tradicionais, oriundas da comunidade Araújo e Ribeiro, como a celebração religiosa dedicada a santos como São João, Nossa Senhora Aparecida e festividades culturais como a festa junina. Cabe ressaltar, no entanto, que atualmente parte da comunidade é evangélica, não realizando essas práticas religiosas tradicionais e exclusivas dos católicos. Esse fator fez com que essas celebrações já não aconteçam mais na comunidade.

Apesar das transformações sofridas através do tempo, sobretudo em decorrência das novas gerações que se sucederam e, portanto, novas formas de sociabilidade, algumas tradições persistem. Um exemplo é a tradicional festa de São João, por exemplo, e as crenças.

O fragmento de texto a seguir, extraído do trabalho de Coelho (2014, p.68) revela aspectos dessa religiosidade da comunidade como momento de vivência cultural e transcendental.

A festa de São João, por exemplo, me foi relatada por uma pessoa recentemente convertida a religião evangélica, ou seja, alguém que pertence a uma religião que não crê na santidade de pessoas comuns, como é o caso de São João. Entretanto, apesar da fé que a minha interlocutora professava ser contrária a crença em santos, nos seus relatos ela não questionava a fé que as demais pessoas da comunidade – que atravessavam as brasas da fogueira da festa em homenagem a São João e não se queimavam – tinham no santo. Além disso, as cinzas e os tições (carvão retirados da fogueira e guardados em casa) possuíam um poder de proteção contra tempestades, que também faziam parte do

misticismo inquestionável que envolvia a celebração, segundo minha interlocutora.

Vê-se, pois que apesar de na comunidade quilombola São Miguel, haver atualmente diversas famílias que pregam a fé cristã evangélica e que não compactuam com as mesmas crenças dos católicos, ainda se conserva em grande parte de seus moradores a tradição em relação às celebrações culturais e das datas comemorativas, como é o caso da Consciência Negra, celebrada em 20 de novembro.

Percebe-se que os moradores se atentam muito mais para a questão religiosa do que cultural e, desse modo, esse fator não interfere na convivência dos moradores e nem se reflete em dominação religiosa entre católicos e evangélicos.

2.3 Lutas e Resistências da Comunidade São Miguel

Como discutido no capítulo anterior, as comunidades quilombolas em sua grande maioria nascem da resistência e da luta e carregam em si aspectos culturais que procuram vivenciar com tenacidade para preservar suas tradições e origens.

Coelho (2014) destaca ainda que as políticas públicas tem sido importantes e configuram um avanço na consolidação e efetivação da identidade.

[...] as políticas públicas específicas para estas populações contribuem, de alguma maneira, para o fortalecimento destas identidades – que não se desagregam pelas transformações sofridas nas atividades provedoras do lar, mas antes fortalecem a dimensão socioeconômica da comunidade. Afinal as distinções étnicas não são provenientes da ausência de interação social, mas, ao contrário, a interação entre diferentes grupos étnicos (COELHO, 2014, p. 95).

Em outro trecho Coelho (2014) enfatiza sobre a participação política dos quilombolas, dizendo que eles se tornam interlocutores políticos, uma vez que participam ativamente da vida e das lutas da comunidade.

A identidade quilombola é coletiva e, por assim o ser é representativa. Representativa no sentido mais objetivo da palavra – do que representa a comunidade – e representativa na medida em que apenas por intermédio de um grupo organizado (uma entidade organizadora) estes

indivíduos transformam-se em interlocutores válidos para o poder público (COELHO, 2014, p. 97).

Como sinaliza os textos discutidos e o que se pode constatar através da visita e análise no local é que a identidade das comunidades quilombolas perpassa pela questão da representatividade social e política e nesse entrelaçar é que as conquistas se dão. Ressalta-se que as conquistas são permeadas de lutas e dificuldades, enfrentadas constantemente por essas famílias, que em sua grande maioria carecem de políticas públicas para conseguirem efetivar suas ações e suas práticas econômicas.

Nesse sentido, verificou-se que a comunidade tem uma atuação ativa na busca de melhorias, através do presidente da Associação de Moradores da comunidade Quilombola, senhor Jorge Henrique Gonçalves Flores que apresenta as demandas da comunidade para os órgãos competentes municipais, como a Prefeitura, as Secretarias municipais ligadas às questões agrícolas, de saúde e educação. Com essas buscas por melhorias, já conseguiram apoio para o plantio, como por exemplo, máquinas para preparar o solo, sementes e adubos.

2.4 Condições Infraestruturais da Comunidade São Miguel

A partir da visita e da constatação feita por meio de entrevista e análise, a comunidade quilombola São Miguel está localizada na zona rural do município de Maracaju e vive à margem de muitos benefícios e políticas públicas. A comunidade busca melhorar as condições de vida utilizando dos próprios recursos e situação econômica.

Em termos de infraestrutura verificamos que a comunidade tem água encanada e tratada, originária de poço artesiano ou semi artesiano, construídos pelos moradores do local. Não há rede de esgoto na comunidade o que a conduz fazer uso de fossas sépticas. A energia elétrica foi implantada na comunidade através do projeto do governo federal Luz para Todos, no ano de 2003, período do governo de Lula.

A ausência ou precariedade dos serviços públicos comprometem e até prejudicam os trabalhos dentro da comunidade uma vez que sofrem danos em suas produções e desenvolvimento econômico, devido à falta de assistência e manutenção de alguns serviços, como por exemplo, na área da educação, a falta de uma escola no local,

pois os alunos precisam deslocar-se até o Assentamento Santa Guilhermina para estudar que fica a aproximadamente 40 quilômetros de distância da comunidade, para poderem cursar a educação básica (ensino fundamental e médio). Já no quesito saúde a população local recebe um médico a cada quinze dias, o atendimento acontece na antiga escola que se encontra desativada atualmente.

Assim, percebemos que em vários aspectos a comunidade sofre com a ausência do poder público, expressa por meio da carência de serviços essenciais à melhoria das condições de vida da população ali residente.

2.5 Condições Socioeconômicas da Comunidade São Miguel

Apesar das dificuldades apontadas no item anterior, com a participação da população local e a efetivação de políticas públicas voltadas para moradia, por meio do Projeto do governo federal Minha Casa, Minha Vida, foram construídas casas populares na comunidade, possibilitando melhorias nas condições de moradia, ao substituir as antigas casas de “pau a pique” por casas de alvenaria, como mostra a figura 3 abaixo¹.



Figura 3. Antigas casas de pau a pique.



Moradias atuais.

¹ <http://jornalmaracajuhoje.com.br/exemplo-a-ser-seguido-comunidade-quilombola-sao-miguel-aqui-a-agricultura-familiar-da-certo/>, 2017.

Essas casas foram construídas na comunidade quilombola São Miguel, tendo sua localização estabelecida pelos próprios moradores da comunidade que colaboraram com a construção das casas, pois foram construídas em mutirão.

Atualmente a comunidade tem como ponto forte a geração de emprego e renda na agricultura familiar. Tendo, portanto, a subsistência econômica marcada pela agricultura familiar. Alguns moradores da comunidade produzem alimentos diversos como, mandioca, feijão, milho, abóbora, doces de diversos produtos e comercializam vendendo nas feiras da cidade de Maracaju.

Outra atividade que a comunidade desenvolve é a produção de mel de abelha, que tem todo seu processo de produção e embalagem no próprio local, sendo destinado a outras cidades para comercialização, como mostra a figura 4 abaixo. Porém, somente alguns moradores desenvolvem esta atividade na comunidade.



Figura 4. Produção de mel e casa do mel.
Fonte: [jornalmaracajuhoje.com. br/2017](http://jornalmaracajuhoje.com.br/2017).

A produção do mel é realizada dentro da comunidade quilombola, pelos próprios moradores. A produção funciona em uma casa adaptada onde fica uma máquina embaladora e cortadora de sachês de mel. (JORNAL MARACAJU HOJE, 2017).

Já a prática da produção da cana de açúcar é bem antiga, acompanhando os negros desde o início de sua chegada ao estado.

Foi possível verificar *in loco* e por meio de aplicação de questionários, que a agricultura familiar é a base da economia das famílias da comunidade São Miguel. A

produção das mesmas fomenta a economia local, propiciando aos moradores a geração de renda, segurança alimentar e, portanto, melhores condições de vida.

De acordo com Coelho (2014) e, conforme podemos constatar *in loco* é possível destacar que a comunidade São Miguel, possui uma dinamicidade em sua vida comunitária, feita de trabalhos artesanais, braçal e processamento de alimentos tais como rapadura, pães e doces.

A seguir discorre-se sobre a análise do resultado desse estudo, permeando a discussão através do contexto étnico de identidade, onde busca-se evidenciar as concepções sobre a vida dessa comunidade e como ela se contextualiza em tempos atuais.

CAPÍTULO III - OS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: UM OLHAR SOBRE A FORMA DE SER E VIVER DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO MIGUEL

3.1 Condições de vida e produção dos moradores da comunidade

Para conhecer a realidade dos moradores da Comunidade São Miguel, para além das matérias da imprensa e referências bibliográficas consultadas foi aplicado questionário (cópia em anexo), durante uma visita de campo à comunidade, a qual entrevistamos moradores e aplicamos o questionário, por meio do qual buscamos verificar as condições de vida e trabalho dos mesmos e os desafios encontrados por eles.

As entrevistas com aplicação de questionário foram realizadas por amostragem considerando 40% do total de 55 famílias residentes na comunidade.

Ao serem indagados sobre o sentido de ser quilombola, os 14 entrevistados responderam, dizendo sentirem-se orgulhosos, reconhecendo o processo de luta e emancipação como povo remanescente de quilombo.

Nesse aspecto foi interessante perceber que há um forte sentido de pertença territorial e de identidade como povo que faz parte de um grupo étnico no país. Significa dizer que a identidade dos moradores da comunidade surge de sua consciência de ser negro e remanescente de quilombo.

Os entrevistados demonstraram ter consciência de suas raízes, lutas e capacidades de conquistas e superações. Dessa constatação nasce o sentimento de resgatar e vivenciar os valores, a simbologia e os princípios de seus ancestrais.

Verificamos também, por meio das entrevistas que os moradores buscam autonomia em diversos aspectos como o econômico, o social e a sua capacidade de construir saberes ligados a sua cultura, como, por exemplo a celebrações religiosas, a preservação dos hábitos alimentícios e a prática da medicina natural, através da utilização dos remédios de “juju”, como assim denominam as raízes, folhas e ervas medicinais, como por exemplo, hortelã, puejo, camomila, boldo, entre outros .

Do total de entrevistados 58% declarou que a economia e o sustento familiar vêm do trabalho na terra, através de criação de animais, hortas e cultivos de alimentos

como abóbora, feijão, milho, arroz, mandioca, entre outros gêneros alimentícios, 30% declarou que seu sustento é proveniente de prestação de serviços, como funcionários de fazendas da região, enquanto 12% são funcionários públicos, trabalhando, principalmente na área da educação no município de Maracaju e na Colônia Santa Guilhermina, que é um assentamento agrário pertencente ao território de Maracaju.

A partir da mandioca que eles plantam também produzem farinha e polvilho, em moldes artesanais para o consumo da família, conforme demonstra a figura 5 a seguir.



Figura 5. Produção artesanal de farinha de mandioca
Fonte: SUARES, 2019. Pesquisa de Campo.

Seus produtos são comercializados nas cidades vizinhas de Maracaju e Nioaque, como mostra a tabela a seguir.

ENTREVISTADOS	PRODUTOS AGRÍCOLAS	PRODUTOS PROCESSADOS	CRIAÇÃO DE ANIMAIS
Entrevistado 1	Mandioca, beterraba, repolho, couve-flor, cheiro verde, alface e entre outros.	Doces de leite e rapaduras da cana de açúcar.	-----
Entrevistado 2	Mandioca, beterraba, alface e	-----	Criação de pequenos animais

	batata.		
Entrevistado 3	Banana, feijão, milho e entre outros.		-----
Entrevistado 4	Milho verde, berinjela, e banana.	Rapadura e Mel	Pecuária- (Faz diária na fazenda mexendo com o gado)
Entrevistado 5	Mandioca, Alface, Couve.	-----	-----
Entrevistado 6	Não produz.	-----	Criação de pequenos animais (Galinhas)
Entrevistado 7	Não produz.	-----	-----
Entrevistado 8	Não produz	-----	Pecuária - Gado de leite
Entrevistado 9	Mandioca.	-----	-----
Entrevistado 10	Batata, beterraba, alface, mandioca entre outros.	-----	-----
Entrevistado 11	Batata, alface, couve.	Artesanato, rapaduras da cana de açúcar e mel	-----
Entrevistado 12	Horta, mandioca, alface, banana, mexerica.	Farinha e polvilho	Criação de pequenos animais
Entrevistado 13	Mexerica, mandioca, alface, couve-flor	-----	-----
Entrevistado 14	Não produz.	-----	

Tabela 1. Dados de produção familiar dos entrevistados

Fonte: SUARES, 2019. Pesquisa de Campo.

Com base nas informações levantadas durante a pesquisa de campo e representadas na tabela acima é possível destacar que a maioria produz hortaliças, frutas, legumes e mandioca, garantindo assim a segurança alimentar das famílias, por meio da agricultura familiar.

Os produtos processados como doces, mel e derivados de cana de açúcar também comparecem como fonte de alimento e, sobretudo como fonte de renda da comunidade. Do total de entrevistados, cinco criam animais. Destes, três criam pequenos animais e dois criam gado. Dois dos entrevistados não produzem nada na propriedade, desenvolvendo outras atividades remunerativas, como empregados de fazendas e funcionalismo público.

3. 2 Projetos e políticas pública na comunidade São Miguel

A intervenção do governo vem através de projetos voltados para a fomentação da economia e da geração de renda, como é o caso do Programa Nacional de Alimentos Escolares – PNAE, recuperação de nascente, e o projeto de horta que é desenvolvido por boa parte da comunidade.

Por meio do projeto de recuperação de nascente é feito o reflorestamento para a recuperação de áreas de nascentes da comunidade. Os dois projetos de maior relevância na comunidade, o PNAE e a agricultura familiar que implica em cultivo de hortaliças e plantio de diversos gêneros alimentícios como mandioca, milho, feijão, entre outros, que são desenvolvidos por grande parte da comunidade que atua de forma direta ou indireta por meio de suas famílias. Isso porque uns plantam, outros ajudam no cultivo e outros ainda se encarregam do transporte e venda desses produtos nas cidades de Maracaju e Nioaque.

Através desses projetos as famílias da comunidade são beneficiadas de forma direta, como aqueles que produzem e vendem seus produtos; e de forma indireta aqueles vendem os produtos produzidos por outro membro da comunidade.

A partir de 2012, a Prefeitura de Maracajú começou a atuar na comunidade oferecendo oficinas do SEBRAE sobre adubação, plantio e colheita no momento certo. Essa capacitação visava possibilitar à comunidade a produção e a entrega dos produtos da agricultura familiar de forma correta nas escolas, o que propiciou melhorias nas condições de vida das famílias envolvidas, pois, até então não possuíam uma renda fixa da terra.

O PNAE favorece muito as famílias que trabalham com a agricultura familiar, pois vendem diretamente seus produtos para abastecer a merenda escolar do município de Maracaju, com isso produzem seus alimentos com destinação já definida.

3.3 Análise sobre a renda familiar

Segundo apontou a entrevista realizada com os moradores da Comunidade quilombola São Miguel a renda familiar é considerada suficiente, pois as famílias conseguem retirar de seus trabalhos na terra o sustento para sua sobrevivência.

Como aponta o senhor Jorge Henrique Gonçalves Flores, o Jorge do Quilombo, as 52 famílias que vivem no quilombo vivem em um território de aproximadamente 400 hectares de terras e deste espaço retiram o seu sustento atendendo às suas necessidades básicas. A partir do resultado de sua renda familiar, vivem e desfrutam das possibilidades de produzir em pequeno espaço de terra, no entanto, ressalta o entrevistado, vivem na abundância à mesa, conseguindo guardar uma parte de sua renda por meio da venda do excedente que ali produzem.

O gráfico 1 a seguir mostra como se configura a economia das famílias na comunidade São Miguel por meio da distribuição da renda familiar.

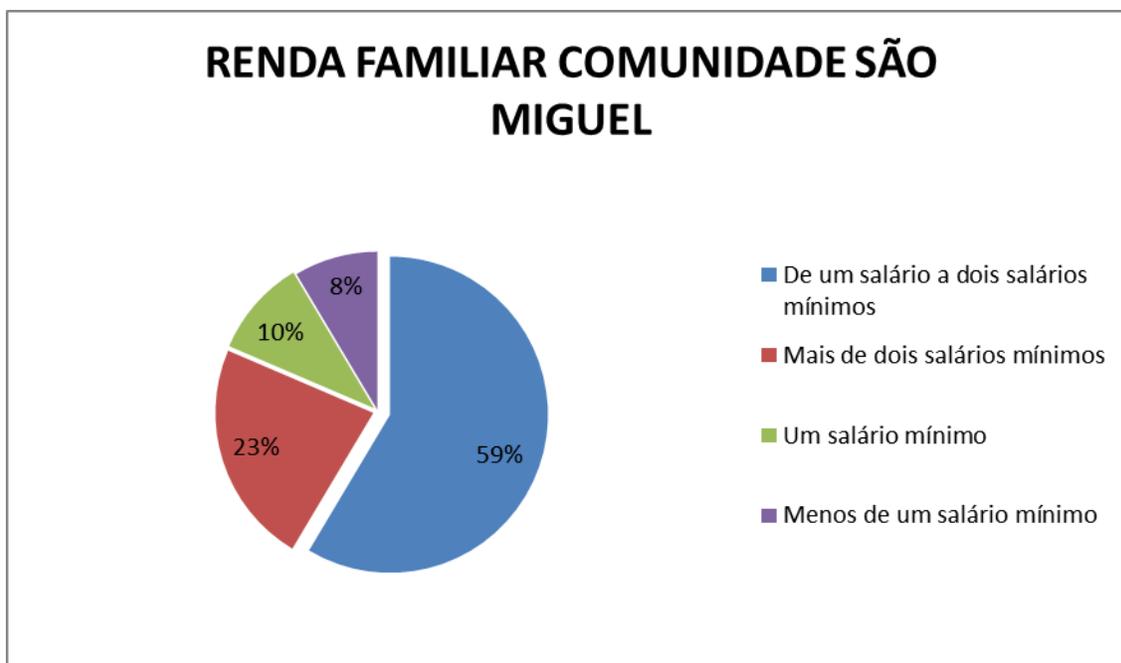


Gráfico 1- Renda familiar dos entrevistados
Fonte: Pesquisa de campo/2019.

A partir dos dados coletados nas entrevistas e demonstrados no gráfico 1, verifica-se que a maior parte das famílias (59%) obtêm por seus serviços e produtos uma renda que equivale entre um e dois salários mínimos. Outra parte significativa das famílias (23%) recebe mais de dois salários mínimos, incluindo as pessoas que fazem diárias nas fazendas, aposentados e dos artesanatos. No entanto é quase equivalente os percentuais de famílias que recebem um salário mínimo (10%) e as que vivem com menos de um

salário mínimo, incluindo as famílias que desenvolvem apenas a agricultura familiar, correspondendo a 8% do total de entrevistados.

A agricultura familiar é uma das principais atividades geradoras de renda na comunidade, pois através da plantação de verduras e legumes, os produtores vendem os produtos que abastecem a merenda escolar nas escolas do município e do Estado, em Maracaju. Outro fator que movimento a renda familiar são os produtos processados, como o mel e os doces artesanais que são produzidos na comunidade e vendido nos municípios vizinhos de Maracaju e Nioaque.

No entanto, o senhor Jorge destaca ainda que a renda familiar se baseia em outras produções, como a produção de frutas, galinhas caipiras, carne, leite e derivados, como também algumas produções de artesanato o que ainda é muito tímido na comunidade.

A partir do exposto é possível considerar que a renda familiar dos moradores da comunidade São Miguel tem uma avaliação satisfatória, pois conseguem manter-se através de suas próprias produções desenvolvidas de forma cada vez mais saudável e de qualidade.

Desse modo, cabe salientar a importância do trabalho familiar na comunidade, do qual a figura 6 a seguir é caracteristicamente ilustrativa.



Figura 6. Família da comunidade São Miguel extraíndo o mel.
Fonte: SUARES, 2019. Pesquisa de Campo.

A figura 6 ilustra fielmente o trabalho familiar, pois mostra o trabalho com o mel realizado por uma família da comunidade. A importância da produção familiar para a garantia da soberania alimentar e de geração de emprego e renda para as famílias das comunidades tradicionais.

Esses dados foram constatados através da pesquisa *in loco* onde foi possível verificar que a comunidade investe na agricultura familiar, demonstrando seu retorno através das melhorias e condições de suas hortas.

3.4. Organização política e resistência

A comunidade é organizada politicamente através de Associação, onde é escolhido um presidente e alguns membros para realizarem trabalhos de direcionamento de projetos e busca de melhorias para os moradores.

Por meio de suas lutas e reivindicações a comunidade já conquistou vários benefícios, entre eles, o transporte escolar para levar os alunos até a escola no município de Maracaju; a construção de fossas séptica e estradas de acesso à comunidade.

Atualmente, a concepção de quilombo e de comunidade negra perpassa as esferas culturais, históricas e sociais e adentram o universo da identificação com o ser negro, através da valorização da cultura, do processo de reconhecimento e do sentido de pertencimento e territorialidade. A partir dessa concepção é possível compreender que, os moradores da comunidade São Miguel possuem senso politizado e vivenciam elementos relevantes sobre a identidade como comunidade afrodescendente.

Dos aspectos tradicionais destacam a experiência de vizinhança, o compartilhamento de vidas, histórias, lutas e conquistas, a preservação da tradição e da história de seus antepassados. Isso acontece através de reuniões familiares para celebrar datas comemorativas como aniversário, festas tradicionais, morte, entre outros eventos. Em relação a vivência da fé, a comunidade convive harmoniosamente com a doutrina católica e evangélica.

Os trabalhos desenvolvidos na comunidade são realizados de forma cooperativa, pois os moradores se organizam para ajudar uns aos outros, principalmente nos trabalhos

de agricultura e nas tarefas realizadas na roça (plantio de alimentos), através de mutirão trabalhando de forma voluntária.

Assim, é possível constatar que há um sentimento que identifique esses moradores como comunidade quilombola, onde vivenciam as práticas tradicionais de seus antepassados, sem deixar de acompanhar os avanços dos tempos atuais. Embora, busquem constantemente melhorias para seus membros, percebe-se que vivem de modo simples e tranquilo.

Pois, como destaca Leroy (2010, p. 143) o território é um espaço de realização da sociedade e evita a formação de excluídos. Quando definem o território a partir das potencialidades presentes no mesmo, “bem como das habilidades e da experiência histórica que acumularam”, esses sujeitos sociais se afirmam como cidadãos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho percebemos que a questão das comunidades negras no Brasil ainda é um grande desafio, não só no campo político e social, mas como também na questão de cidadania.

O objeto específico desse Trabalho de Conclusão de Curso, foi possível perceber que é uma comunidade construída e reconstruída sob a carência, a dificuldade e a esperança, que suscita o anseio de viver com dignidade e cidadania. De uma forma geral o exemplo de resistência desta comunidade reforça a necessidade de revisão da atuação do Estado e da sociedade. Embora, seus membros sejam politizados e encabeçam diversas lutas e reivindicações de melhorias e dignidade para o seu povo.

A Comunidade Quilombola São Miguel, que resiste por mais de um século à carência e dificuldades gerais, teve que continuar enfrentando desafios e dificuldades em diversos setores da comunidade, principalmente na carência de recursos e políticas públicas que visam implementar e efetivar o desenvolvimento econômico da comunidade, além da falta de apoio na efetivação dos projetos que já existem na comunidade.

No entanto, o que constatamos nessa pesquisa é a capacidade de superação frente aos preconceitos da sociedade e sua ousadia em acreditar que podem resistir à diversas formas de dizimação cultural e étnica, pois ao longo do tempo essas comunidades afrodescendentes têm que se adaptar aos costumes, hábitos e crenças da população não quilombola.

Esse trabalho proporcionou uma experiência enriquecedora, através das leituras e pesquisa *in loco*, pois ampliou meus conhecimentos sobre a cultura das comunidades quilombolas, especialmente da comunidade São Miguel. No entanto, fica o desafio de continuar aprofundando o estudo sobre esse grupo étnico que tem grande significado para a formação do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANJOS, R. S. A. **Dos Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil. Primeira Configuração Espacial.** Brasília. Mapas, Editora & Consultoria. 2006.

BRASIL, Fundação Nacional de Saúde. **Coletânea sobre as comunidades Negras Rurais Quilombolas de Mato Grosso do Sul.** Campo Grande/MS, FUNASA, 2009.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.** Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

COELHO, C. R. **Identidades negociadas: Estratégia de conquista e permanência em um território Quilombola,** Brasília, 2014.

Jornal Maracaju Hoje. 2017. **Exemplo a ser seguido– Comunidade Quilombola São Miguel: aqui a agricultura familiar dá certo.** Disponível em: <http://jornalmaracajuhoje.com.br/exemplo-a-ser-seguido-comunidade-quilombola-sao-miguel-aqui-a-agricultura-familiar-da-certo/>. Acesso em outubro de 2019.

LEROY, J. P. **Territórios do futuro. Educação, meio ambiente e ação coletiva.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.

MUNANGA, K. **O negro no Brasil de hoje.** Global, 2006.

NASCIMENTO, A. do. **O Quilombismo.** Rio de Janeiro, 1980.

SACK, R. D. **O significado de Territorialidade.** In DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Orgs). *Territorialidade e Redes Sociais.* Florianópolis; Insular, 2011.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e sociedade no início do Século XXI.** Editora Record, Rio de Janeiro, 2006.

SANTOS, M. **O Território brasileiro, do passado ao presente.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANEXOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
 UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM/MS
 CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

QUESTIONÁRIO PARA OS MORADORES

Questionário nº _____ data ____/____/____

Entrevistadora: Janaina Sotolani Suares

Local: Comunidade Negra Quilombola São Miguel

Nome: _____

1. Sexo: () masculino () feminino
2. Idade _____
3. O que é ser quilombola?
4. Há quanto tempo mora na comunidade? _____
5. Tem filhos? Estudam na comunidade? _____
6. De onde vem o sustento da família? _____
7. A comunidade possui algum programa ou projeto do governo que beneficia os moradores? _____
8. Há algum projeto que envolve as mulheres, que promova geração de renda?
9. Você trabalha na comunidade? () sim. () não. Se sim, qual a atividade que desenvolve na comunidade:
10. Desde quando trabalha nesta atividade? _____
11. Quais são os produtos que você produz? _____
12. Qual o destino dos produtos? _____
 () a própria comunidade () outros municípios. Quais: _____
13. Qual a mão de obra utilizada na colheita? _____
 () pessoas da família () outros: quais _____
14. Ainda sobre a mesma pergunta, qual é a mão de obra utilizada nos transportes?
 () pessoas da família () outros. Quais? _____
15. Qual é sua principal fonte de renda? Comércio () produção agrícola () criação de animais () pensão/aposentadoria () outro (). Qual _____
16. Qual é a renda da família? Um salário mínimo () menos de um salário mínimo (). De dois salários mínimos (). Mais de dois salários mínimos ().
17. Você conhece a história da comunidade? Se sim, pedir para relatar. _____
18. Quais as tradições/costumes da comunidade? _____
19. Qual o papel da Associação para o desenvolvimento da comunidade?

Fonte: Questionário aplicado aos moradores da Comunidade Quilombola São Miguel.



Figura 7. Fachada das casas populares da comunidade.
Fonte: Arquivo da autora. Registro in loco.



Figura 8. Vista do solo preparado para plantar verduras e hortaliças, como também caixa d'água que serve para irrigar as plantas.
Fonte: Arquivo da autora. Registro in loco.